

Emanuele Coccia: "O vírus é uma força anárquica da metamorfose"

Entrevista publicada em: <https://www.philomag.com/les-idees/emanuele-coccia-le-virus-est-une-force-anarchique-de-metamorphose-42893>
26/03/2020 (versão para português Mariana Silva da Silva)

Desde o início da epidemia de Covid-19, os vírus invadiram corpos e mentes. Mas o que eles são realmente? Para o filósofo Emanuele Coccia, os vírus são acima de tudo um poder de transformação. Passando de uma criatura para outra, eles atestam que todos procedemos do mesmo sopro de vida. Um passo à frente para amenizar a ansiedade do contágio?

Philomag: Em seu último ensaio, *Metamorfoses*, você sustenta que todos os seres vivos procedem da mesma vida que é transmutada infinitamente. Não é isso que todos experimentamos infelizmente com a epidemia?

Emanuele Coccia: As duas últimas páginas de *Metamorfoses* - escritas bem antes da atual pandemia - são dedicadas a vírus. Esboço a ideia de que o vírus é a maneira como o futuro existe no presente. O vírus, de fato, é uma força pura de metamorfose que circula de uma vida para outra sem se limitar às fronteiras de um corpo. Livre, anárquico, quase imaterial, não pertencendo a nenhum indivíduo, ele tem a capacidade de transformar todos os seres vivos e permite que eles atinjam sua forma singular. Pense que parte do nosso DNA, provavelmente em torno de 8%, é de origem viral! Os vírus são uma força de novidade, modificação, transformação; eles têm um potencial de invenção que desempenhou um papel essencial na evolução. Eles são a prova de que estamos em nossas identidades genéticas de bricolagem multiespecífica. Gilles Deleuze escreveu, em *Mille Plateaux* (com Félix Guattari, Éd. de Minuit, 1980), que "fazemos rizoma com nossos vírus, ou melhor, nossos vírus nos fazem rizoma com outros animais". Desse ponto de vista, o futuro é como a doença da identidade, o câncer do presente: força todos os seres vivos a se metamorfosearem. Você tem que ficar doente, deixar-se contaminar e possivelmente morrer, para deixar a vida seguir seu curso e dar à luz o futuro.

Essa maneira de ver as coisas pode parecer mais perturbadora do que tranquilizadora ...

O poder transformador dos vírus obviamente tem algo assustador, pois o Covid-19 está mudando profundamente o nosso mundo. A crise epidemiológica acabará por ser superada, mas o surgimento desse vírus já mudou irreparavelmente nossos estilos de vida, realidades sociais e equilíbrios geopolíticos. Grande parte da angústia que experimentamos hoje resulta de nossa percepção de que o menor ser vivo é capaz de paralisar a civilização humana mais bem equipada do ponto de vista técnico. Esse poder transformador de um ser invisível produz, acredito, um questionamento do narcisismo de nossas sociedades.

Isso quer dizer?

Penso não apenas no narcisismo que faz do homem o mestre da natureza, mas também no que nos leva a atribuir ao homem um poder destrutivo incrível e exclusivo sobre os

equilíbrios naturais. Continuamos a nos ver como especiais, diferentes, excepcionais, inclusive na contemplação dos danos que infligimos a outros seres vivos. E, no entanto, esse poder de destruição, assim como a força da geração, é distribuído equitativamente a todos os seres vivos. O homem não é o ser por excelência que altera a natureza. Qualquer bactéria, qualquer vírus, qualquer inseto pode ter um enorme impacto no mundo.

A pandemia atual também deve nos induzir a mudar a ideia de natureza?

A ecologia contemporânea continua a ser nutrida por um imaginário em que a Terra aparece como a casa da vida. Essa ideia está implícita nas próprias palavras ecologia e ecossistema: *oikos*, em grego, designa a habitação, a esfera doméstica bem organizada. Na realidade, a natureza não é o reino do equilíbrio perpétuo, no qual todos estariam no seu lugar. É um espaço para a invenção permanente de novos seres vivos que perturbam todo o equilíbrio. Todos os seres migram, todos os seres ocupam a casa dos outros. A vida, basicamente, é exatamente isso.

Mais do que um medo do vírus, o clima atual revela um medo da morte para você?

Definitivamente. É natural ter medo da morte e combatê-la o máximo possível. E é normal tomar medidas para proteger a comunidade e, especialmente, seus membros mais frágeis. Mas, além da crise pela qual estamos passando, nossas sociedades tendem a reprimir a morte e pensar na vida individual em termos do absoluto. No entanto, a vida em que vivemos não começa com o nosso nascimento: é a vida de nossa mãe que se estendeu a nós e continuará a viver em nossos filhos. Somos a mesma carne, o mesmo fôlego, os mesmos átomos de nossa mãe que nos hospedou por nove meses. A vida vai de corpo para corpo, de espécie para espécie, de reino para reino, através do nascimento, nutrição, mas também e acima de tudo, morte. É também em virtude do que compartilhamos (humanos, pangolins, plantas, fungos, vírus, etc.) o mesmo sopro de vida que estamos expostos à morte: é apenas porque a vida é em mim pode se tornar a vida de outra pessoa que eu posso perdê-la.

A morte não é o fim da vida?

Não, é a metamorfose da mesma vida que circula e está constantemente se preparando para assumir outras formas. Ao morrer, passaremos esta vida a outros seres. A crença de que a vida que nos anima termina com a morte do nosso corpo é uma consequência da fetichização do nosso eu - a ideia de que cada um de nós tem uma vida que nos pertence, que é nativa. Nós devemos nos libertar dessa concepção.

É uma abordagem libertadora, mas também preocupante, não?

É a própria vida que é perturbadora e ambígua! Toda vida é um potencial para criação, para invenção; toda a vida é capaz de impor uma nova ordem, uma nova perspectiva, uma nova maneira de existir. Mas essa abertura para o novo sempre envolve uma parte sombria e destrutiva. Basta pensar no fato elementar de comer: nossa vida é literalmente construída sobre os cadáveres dos vivos. Nosso corpo é o cemitério de um número infinito de outros seres. E nós mesmos seremos consumidos por outros vivos. Com o vírus, percebemos que esse incrível poder de novidade não está vinculado a uma dotação anatômica específica, por exemplo, em tamanho ou capacidade cerebral. Assim que há

vida, não importa onde esteja na árvore da evolução, estamos na presença de um poder colossal capaz de mudar a face do planeta.

Então seria preciso abandonarmos a ideia tradicional de uma hierarquia de espécies?

Claro. Assumimos espontaneamente que o animal é superior à planta, a planta às bactérias e assim por diante. No entanto, as menores formas de vida não são as mais básicas ou as mais primitivas. Nenhum ser vivo manteve a forma que tinha milhões de anos atrás. Todo ser vivo tem por trás uma história milenar que envolve outros seres. A evolução dos vírus, por exemplo, está ligada à de outros seres vivos, porque eles "se alimentam" de porções de DNA.

O que faz a especificidade de existência do vírus?

Antes de tudo, há uma discussão sobre eles que acho que nunca será resolvida: os vírus são coisas vivas? Esta discussão teórica é, acredito, uma questão mal colocada. De fato, sempre há quem não vive na vida. Somos feitos do mesmo material que a Terra; nós temos uma estrutura molecular que tem algo mineral nela. Um livro muito bonito de Thomas Heams propõe, portanto, falar de "infravidas" no lugar de não-viventes. Os vírus são quase reduzidos a DNA ou RNA - em suma, material genético. Eles não têm estrutura celular - núcleo, mitocôndrias, etc. Isso é surpreendente, porque a célula é frequentemente transmitida como a unidade básica comum a todos os seres vivos. Até as bactérias têm uma estrutura celular, embora muito específica. De qualquer forma, os vírus precisam se apoiar em outras estruturas biológicas maiores para se reproduzir: eles "pirateiam" as células de outros organismos e lhes transmitem novas instruções genéticas para se multiplicarem.

O que pensar da metáfora do vírus de computador?

Acredito que devemos revertê-lo: toda a informação é um vírus. Toda a informação vem de outro lugar. No mesmo sentido, podemos dizer que a linguagem e o pensamento são estruturados como genes: todo pensamento pode ser dividido em elementos mais ou menos complexos que, como os genes, podem ser transmitidos. Isso permite que as mentes daqueles que as recebem pensem a mesma coisa ou façam o mesmo gesto - em um novo contexto.

Seria necessário admitir que os vírus fazem parte da multidão de seres que nos habitam?

Todos somos corpos que carregam uma quantidade incrível de bactérias, vírus, fungos e de seres não humanos. Assim, 100 bilhões de bactérias de 500 a 1.000 espécies se instalam em nós. Isso é dez vezes mais que o número de células que compõem nosso corpo. Em resumo, não somos um único ser vivo, mas uma população, uma espécie de zoológico itinerante, uma *ménagerie*. Ainda mais profundamente, vários não-humanos - começando pelos vírus - ajudaram a moldar o organismo humano, sua forma, sua estrutura. As mitocôndrias de nossas células, que produzem energia, são o resultado da incorporação de bactérias. Essa evidência científica deve nos levar a questionar a substancialização do indivíduo, a ideia de que ele é uma entidade envolvida em si mesma e fechada ao mundo e à alteridade. Mas também devemos acabar com a substancialização das espécies ...

O que você quer dizer?

Contra a ciência, cavamos um abismo entre as diferentes espécies. Nunca integramos totalmente a intuição de Darwin, que não dizia muito: "o homem é descendente de primatas", mas sim: "nenhuma espécie é pura, qualquer espécie é uma mistura estranha, uma quimera" , uma bricolagem, uma colcha de retalhos de identidades genéticas de outras espécies que a precederam". Todos somos feitos um do outro, carregamos a marca de uma infinidade de formas pelas quais a vida passou antes de produzir a forma humana. Observe o corpo humano: a maioria de suas características morfológicas, como o nariz ou os olhos, não são de forma alguma especificamente humanas. Nossas vidas são apenas humanas. Nós, os vivos, somos a mesma vida de outros lugares e apenas um pouco mudados. Uma vida que começa muito antes de nós. Toda espécie é como a borboleta de uma outra e a lagarta pronta para se transformar em uma infinidade de outras. A prova final, do ponto de vista químico, é que todos compartilhamos o mesmo mecanismo genético - DNA e RNA.

Para concluir, você teria um conselho de leitura para esses tempos de confinamento?

Há um texto muito bonito de Aldo Leopold, "Odyssey" (1942, link em inglês)*, no qual ele conta a vida do ponto de vista de um átomo que atravessa várias formas de vida. Essa leitura nos permite perceber que tudo ao nosso redor participa da mesma respiração e da mesma vida.

*<https://www.audubon.org/magazine/may-june-1942/from-archives-aldo-leopolds-odyssey>